
A Cobertura do Carnaval de 1919 nas Páginas do Correio da Manhã e da Gazeta de Notícias¹

Daniel Santana SANTOS²

Renato VAISBIH³

Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP

RESUMO

Neste trabalho, será abordado como os dois periódicos tradicionais da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, atuaram nos festejos de Momo daquele ano, o primeiro grande evento pós gripe espanhola na capital fluminense. Por meio das edições da Gazeta e do Correio, vemos como esses veículos da imprensa escrita influenciaram no evento através de suas páginas. Conclui-se que os jornais foram cruciais no sucesso da folia, graças a influência dos mesmos e a importância dos cronistas carnavalescos nas redações e na sociedade carioca.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa Escrita; Carnaval 1919; Correio; Gazeta; Cronistas;

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar a participação da imprensa escrita na cobertura de um importante carnaval, ocorrido no início do século XX, período em que a folia de Momo e os veículos de comunicação, especificamente os jornais, andavam lado a lado em prol da valorização da cultura, reconhecendo os folguedos carnavalescos como um setor importante dentro da sociedade.

O trabalho propõe-se a discorrer sobre a atuação dos jornais Gazeta de Notícias e Correio da Manhã perante o Carnaval de 1919 na cidade do Rio de Janeiro, primeiro grande evento após o surto de gripe espanhola. Pretende-se mostrar como esses dois periódicos atuaram naquele evento, tendo em vista a popularidade dos mesmos e a empolgação da população pela festa, após todo o luto causado pela doença.

Por conta desta euforia dos cariocas, previamente dita, serão analisados materiais históricos de forma clara e sucinta para responder se Gazeta e Correio, deixaram-se

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UNINOVE, e-mail: danielssantos0903@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNINOVE, e-mail: renatov@uni9.pro.br

levar pela animação do povo, com o intuito de descobrir se realmente contribuíram com os festejos pelo reinado de Momo, através de uma cobertura efusiva, irreverente e popular ou se isto já era uma característica histórica dos jornais em prol da folia. Este tema se torna relevante a sociedade, a partir do momento em que traz à tona a atuação da grande imprensa em torno do carnaval devida à importância dada pelos veículos aos festejos, onde os diários faziam parte da folia, algo que não é tão visto atualmente.

Através de uma pesquisa exploratória e quanti-qualitativa, foi possível buscar e compreender informações através de dados por meio de hemerotecas, com as edições dos periódicos de janeiro, fevereiro e março de 1919, livros físicos e digitais, e também por meio de notícias e teses, se valendo da pesquisa bibliográfica para responder os questionamentos e dúvidas perante a cobertura dos jornais naquele carnaval.

O primeiro capítulo deste artigo, mostra brevemente o que foi a gripe espanhola na cidade do Rio de Janeiro em 1918. Desde a chegada em solo brasileiro, passando pela grave crise sanitária ocorrida na então capital do país e a expectativa pelo carnaval que se aproximava. A segunda parte, relata de que forma os periódicos cobriram a fase pré-carnavalesca e como os mesmos foram importantes na divulgação do evento através de suas páginas, citando pontos cruciais utilizados pelos jornais. No terceiro capítulo, relata-se a grande festa de Momo, ocorrida na primeira semana de março de 1919, falando brevemente sobre a empolgação da população, os festejos em geral e a cobertura realizada por Gazeta e Correio. Na quarta e última parte, é feita uma análise em relação aos dois diários, destacando de que maneira ambos divulgaram a festa durante aqueles dois meses, e quais foram os seus carros-chefes na cobertura do evento. Por fim, cabe citar pontos em comum na atuação dos dois periódicos.

A GRIPE ESPANHOLA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

O vírus surgiu nos EUA em março de 1918, em Fort Riley, numa instalação militar localizada no estado de Kansas, infectando inicialmente os soldados norte-americanos que iriam pelear na Primeira Grande Guerra. O nome “Espanhola” se deu pelo fato da Espanha, fora da guerra, revelar os casos da doença no velho continente, diferente de outros países que censuraram informações para não amedrontar a população e seus soldados. Assim, o mundo passou a chamar aquela mutação do vírus influenza de “Gripe Espanhola”. Por conta dos combates, a doença se alastrou entre os civis,

chegando também em países da Ásia e das Américas, tornando-se algo de proporções catastróficas. A gripe desembarcou no Brasil em setembro daquele ano após o correio britânico *SS Demerara*, vindo de Lisboa, atracar em cidades costeiras do país como Recife, Salvador e por fim, o Rio de Janeiro. Os problemas cruciais foram a escala em Dakar, no Senegal, onde a tripulação se expôs ao vírus que era de fácil contágio e letalidade, levando parte dos navegantes a adoecerem rapidamente, além da irresponsabilidade dos marujos que apesar de sofrerem a bordo, ao chegarem no Rio foram festejar nos clubes da cidade, transmitindo a doença para tudo e todos.

Os sintomas iniciais eram dores de cabeça e calafrios, seguidos de dores nos ossos, diarreia e letargia. A falta de ar deixava o rosto do doente roxo ou azul e os pés escureciam. Ocorriam também sufocamentos e espasmos sanguíneos após a tosse, e assim, após alguns poucos dias, a morte por parada respiratória (CASTRO, 2019). Mesmo tendo ciência das mazelas causadas pela doença, autoridades e população carioca menosprezavam a “Espanhola”, imaginando que ela fosse desaparecer do nada, como um simples resfriado, também adotando e disseminando como prevenção, fórmulas, preparados, além de remédios como a *Grippina* e a *Fenacetina*, criadas pela grande indústria, o que não foi suficiente para diminuir o número de casos e ter controle do vírus. Quando se deram conta da gravidade do problema, já era tarde... O que se sucedeu nos três meses seguintes, é algo que o carioca jamais imaginaria ver. “*O Rio é um vasto hospital!*”, estampava a Gazeta de Notícias de 15 de outubro de 1918, clamando por atitudes pontuais do governo, devida a situação desesperadora do sistema de saúde. Os hospitais superlotaram, pacientes se espalhavam aos montes nos leitos, onde muitos acabavam falecendo sem sequer receber atendimentos. O serviço funerário sobrecarregou e passou a não dar conta do número de corpos, já que muitos eram encontrados ao léu nas ruas da cidade. Ricardo Augusto dos Santos, conta em ‘O Carnaval, a Peste e a ‘Espanhola’ (2006)’, como era o trabalho dos carroceiros, que tomaram atitudes terríveis perante a situação:

Os cadáveres eram empilhados. Conta-se que quando descobriam alguém dado como morto e ainda vivo, acabavam de matá-lo com as pás. Nos cemitérios, coveiros abriram valas, onde eram despejadas dezenas de mortos. E, quanto mais corpos acumulados, mais a situação piorava. Naquele momento, era impossível ignorar a morte. (SANTOS, p. 136-37, 2006)

A imprensa da época fazia sua função essencial, relatando o horror e as consequências causadas pela doença, também conscientizando a população para evitar sair de suas casas, uma vez que com o caos instaurado, aglomerações foram desestimuladas, fábricas foram fechadas e a Capital do Brasil parou. Os únicos locais abertos ao povo eram as Igrejas, onde os devotos clamavam a São Sebastião, padroeiro da cidade e protetor contra males como a peste, para que livrasse o Rio de Janeiro daquele mal. Repentinamente no início de novembro, após cerca de 15 mil mortos e 600 mil infectados, os cariocas começaram de certa forma a vencer o vírus, pois muitos habitantes ficaram imunes a ele, além dos doentes que foram se recompondo. A cidade foi retomando o seu cotidiano com a reabertura dos comércios, indústrias e áreas ligadas à cultura. O povo na esperança de dias melhores, brincou com toda aquela situação, criando músicas e marchas ironizando a gripe, pois escaparam ilesos de dançarem com a “Espanhola”. Esse deboche da população já dava indícios que um tal Momo estava próximo de desembarcar na cidade de São Sebastião, pedindo licença para vibrar com o povo, a vitória sobre a morte.

O PRÉ-CARNAVAL NAS PÁGINAS DO CORREIO E GAZETA

Com o fim da gripe, diversos setores da sociedade carioca teriam de achar soluções para se reerguer financeiramente, visando recuperar-se de todo o prejuízo causado pela doença. A solução era investir forte no Carnaval que se aproximava, pois além da grande euforia da população, todos, de indústrias à teatros, se aproveitariam de alguma forma da festa para voltarem a crescer. Quem detinha um papel crucial na promoção do evento era a imprensa escrita da cidade, que possuía grande importância e prestígio nos festejos de Momo, pois desde o final do século XIX, divulgavam eventos em clubes e sociedades, informando os foliões através de crônicas e colunas de grande destaque, além de colaborarem com anúncios para fortalecer o comércio. Assim, os jornais desempenharam uma função essencial para o êxito da festa por meio de suas páginas. Eram periódicos e revistas importantes como O Malho, Fon-Fon, Careta, A Noite, Jornal do Brasil, entre outros veículos que ajudavam no engajamento pro-carnaval, através de suas publicações.

A partir de agora, será apresentado como dois jornais influentes da cidade, o Correio da Manhã e a Gazeta de Notícias, foram importantes no período pré-

carnavalesco e nos dias de folia, na divulgação e sucesso daquele carnaval de 1919. A Gazeta de Notícias (1875-1942) segundo Eneida (1958 *apud* COUTINHO, 2006, p. 39) era conhecida como “a mais carnavalesca das folhas da imprensa carioca”, considerada uma referência no que se trata de cobertura e valorização do carnaval no Rio, sendo um dos primeiros periódicos a falar sobre a festa da carne. Além de ser um jornal popular e barato, fator que o fez cair nas graças dos foliões.

Já o Correio da Manhã (1901 - 1974) por um tempo, foi conhecido por ser um jornal anti-carnavalesco, não muito simpatizante e adepto da festa. Porém, com o crescimento da folia, o periódico passou a noticiar e cobrir os eventos de Momo, sendo mais aceito pelo povo, deixando essa imagem negativa de lado. Nos dois primeiros meses do ano, o carnaval já estava em evidência como era de costume naquele período. Mas com toda aquela tribulação vivida anteriormente devido a "Espanhola", a expectativa do carioca só aumentou, ainda mais pela folia acontecer de maneira oficial apenas no início de março. Como citado, os jornais teriam função importante no evento, que prometia ser um dos mais eufóricos da história. A seguir serão destacados pontos em comum entre esses periódicos no pré-carnaval, que foram essenciais na divulgação e realização da festa de Momo.

A. AS COLUNAS E OS CRONISTAS

O carro-chefe dos dois jornais na divulgação do carnaval eram as colunas, que continham notícias de blocos, bailes, préstitos (desfiles) e as consagradas crônicas, que eram sinônimo do bom jornalismo carnavalesco por destacar e valorizar a festa. A Coluna da Gazeta era chamada “O Carnaval Que Chega”, sendo publicada diariamente, através de informações enviadas a correspondência do jornal pelas próprias instituições, anunciando eventos preparativos para a folia. As seções eram normalmente subdivididas em três blocos: “Pelos Clubs”, “Pelos Ranchos” e “Pelos Sociedades”. Diferente de outras folhas, a Gazeta dava um grande espaço à festa desde os primeiros dias do ano, cedendo em várias oportunidades, meia página para falar dos eventos. Em contrapartida, o Correio tinha sua coluna “Carnaval”, que não era publicada desde o início do pré-carnaval, mas sim, a partir das últimas semanas de janeiro, seguindo a mesma linha com notícias de blocos e grandes sociedades. O diferencial do jornal era o espaço diário cedido às crônicas dentro das colunas, onde

os jornalistas como o poeta Bastos Tigre, ou melhor “Pierrot”, abusavam do lirismo para opinar.

As crônicas, por sinal, eram o ponto alto da cobertura carnavalesca, devido a influência dos jornalistas que as escreviam, onde basicamente deixavam o lado folião florescer através de seus textos momescos. Identificados por codinomes, como “Pierrot”, “Príncipe Fofinho” ou “Vagalume”, os cronistas possuíam grande influência nas instituições, pois cediam um grande espaço aos clubes nos jornais, noticiando bailes, maxixes e batalhas de confete, além de serem intermediários ativos da folia com as autoridades. Eles eram recebidos nas instituições com status de rei, ou melhor, de Momo, sendo agraciados com banquetes fartos e inúmeras homenagens. Assim, no dia seguinte, os jornalistas rasgavam adjetivos e elogios para exaltar determinado bloco, tudo isso claro, uma troca de favores comerciais. Entretanto, alguns deles abraçavam suas agremiações de coração, não focando somente numa espécie de “leva e traz”, também demonstrando devoção pela folia através de seus textos.

O cronista-carnavalesco é antes de tudo um “súdito de Momo”, alguém que escreve com a intimidade de um personagem da festa. Se o repórter brinca o Carnaval, é de se esperar que seja o folião o autor das crônicas, das quais ele próprio é o objeto. (COUTINHO, p.126, 2006)

Naquele momento, a crônica carnavalesca estava em seu auge. Os jornalistas ligados à folia tinham grande prestígio dentro de suas redações, aumentando gradativamente a visibilidade do periódico ao relatar o dia a dia da festa, fazendo da imprensa escrita um dos grandes referenciais do Carnaval Carioca.

B. OS CLUBES, SOCIEDADES E OS CONCURSOS

Através da importância dos cronistas, as agremiações tinham muito espaço nos diários para divulgarem seus eventos e informações sobre os préstitos. As grandes sociedades do carnaval carioca em 1919, eram os Fenianos (1869), os Tenentes do Diabo (1855) e o Club dos Democráticos (1867), que apareciam regularmente no Correio e na Gazeta, em crônicas, colunas, notas e nos irreverentes anúncios em estilos de “pufes”, onde “a função era a de insuflar os foliões, convocando-os à orgia, à loucura e ao prazer” (COUTINHO, 2006, p. 36), em textos narcisistas e debochados. Vale destacar que dentre esses clubes, os Democráticos marcavam presença constante

nas páginas dos dois jornais antes da folia, principalmente no Correio, onde nas sextas e sábados antes do carnaval, anunciavam assembleias e festejos preparatórios.

Não foram somente as grandes sociedades que usufruíram do espaço cedido pelos jornalistas. Blocos, ranchos e cordões, conhecidos como “as pequenas sociedades”, também conquistaram seu lugar nos periódicos, com visitas às redações, onde ocorriam apresentações, sessões de fotos, entrega e exposição dos estandartes, visando a divulgação por parte dos jornais, buscando reconhecimento, espaço e voz na corte de Momo. Tudo isso, em prol de uma grande atração carnavalesca... Os concursos. A Gazeta tinha o tradicional concurso entre as agremiações menores desde 1906, sendo o primeiro criado por um órgão da imprensa em prol da manifestação popular. Em 1919, o jornal fez uma ampla divulgação do mesmo nas proximidades da festa, anunciando premiações aos melhores blocos e fantasias, além de ressaltar a sua imagem de ser uma das grandes parceiras do carnaval carioca. O Correio não possuía um concurso, mas fazia questão divulgar outras competições, como o “Concurso Musical Carnavalesco”, ocorrido no Theatro Lyrico, onde sambas e maxixes eram apresentados a um fervoroso público que escolhia o seu favorito através de votação, onde após os resultados, as casas de música comercializavam as obras vencedoras. Uma similaridade entre esses concursos era a forte participação de patrocinadores, como a casa de artigos para presentes “Mappin & Webb” e a bebida “Vermutin”, mostrando a importante participação de lojas e indústrias na festa de Momo.

C. "ANÚNCIOS" - A FORÇA DA PUBLICIDADE

Uma das áreas que se aproveitaram bastante da relação dos dois jornais com a folia, foram os comércios, as indústrias e o setor cultural através da publicidade. Durante janeiro e fevereiro de 1919, “choveram” anúncios dos mais variados tipos nos periódicos, onde o fator em questão era o carnaval. O Correio desde os primeiros dias do ano, cedeu um amplo espaço para as empresas e lojas divulgarem seus produtos, diferente da Gazeta que só começou com o merchandising ligado à folia apenas em fevereiro, porém de forma bem intensa. Eram tantas as propagandas, que elas podiam ser divididas em algumas categorias: a Vestual, com os anúncios de venda e aluguel de diversos tipos de fantasias, comercialização de objetos carnavalescos como serpentinas e confete, anúncios de tecidos como cetim, panos africanos e brin para a confecção das próprias fantasias, e também das grandes lojas de roupas e acessórios

de carnaval, como “A Fortuna” e “Parc Royal”; a Imobiliária, com aluguel de janelas e sacadas para os foliões assistirem aos desfiles nas grandes avenidas da cidade; a Automotiva, com o aluguel de caminhões para o transporte de fantasias, instrumentos musicais e dos próprios blocos, além dos carros produzidos pela montadora Studebaker para os desfiles dos corsos; a Cultural, onde nas últimas páginas dos jornais, teatros como o Trianon e o Phoenix, divulgavam eventos ligados à festa como peças, concursos e bailes. Por fim, vale mencionar os anúncios da indústria cervejeira, onde Antarctica e Brahma, informavam sobre o aluguel antecipado de chopeiras por bares e restaurantes para o período carnavalesco.

Curiosamente, o artigo mais divulgado no pré-carnaval de 1919, sendo um dos mais populares, foi o Lança-Perfume. Com diversas essências e modelos, além de marcas conhecidas como Vlan e Nice, o produto era comercializado não com a intenção de apreciar o aroma contido nas bisnagas, mas sim, para esguichar nas axilas das mulheres em forma de cortejo, e nos olhos dos homens numa espécie de deboche, algo que causava irritação e bastante ardência. Porém, essa forma de rústica de “brincar” acabou ajudando na publicidade de outro produto, o colírio Visuol, que era a solução para os olhos, se tornando assim um grande anunciante daquele carnaval.

D. AS NOTÍCIAS

Apesar de toda a animação em torno da folia, os jornais não deixavam de prestar serviço com notícias que envolviam o carnaval de uma maneira mais séria, pois afetariam diretamente o cotidiano dos cariocas. Eram informações sobre a abertura de comércios nas datas da festa, questões ligadas aos funcionários públicos, sobre o funcionamento dos transportes e circulação de veículos durante o tríduo momesco, além de falar sobre carnavais de outros locais, como o da cidade de Niterói, na região metropolitana do Rio. Uma similaridade entre ambos era o forte noticiário policial em torno da festa de Momo, pois como já citado neste artigo, os cronistas carnavalescos possuíam muita influência perante autoridades e divulgavam informações que afetariam diretamente o carnaval, muitas vezes fugindo do tradicional lirismo contido nos textos, cobrando benefícios e ações que viabilizassem os festejos, principalmente para as agremiações mais modestas. Era tamanha a incidência de informações ligadas a segurança pública e a folia, que o Correio possuía uma coluna chamada “A Polícia e o Carnaval”, focada no tema.

Poucas semanas antes da folia, houve um certo temor por parte dos médicos com um possível retorno da “Espanhola” à cidade, como alertou o diretor-geral da saúde pública, o Dr. Theophilo Torres ao Correio em 23 de fevereiro, sugerindo que a população evitasse aglomerações e a ingestão de álcool. Mas a essa altura, o povo já estava tomado pelo espírito carnavalesco. Com a aproximação do terceiro mês do ano, estava chegando o momento tão esperado pelo carioca desde o fim da gripe: A grande festa que tomaria a cidade maravilhosa durante a primeira semana de março, o “carnaval da revanche”.

O TRIUNFO DE MOMO E A COBERTURA DOS JORNAIS

Diferente de outros anos, o Carnaval em 1919 se iniciou mais tardiamente, começando de maneira oficial no dia 1º de março, em um sábado que já prometia ser muito especial, tendo em vista toda a expectativa do carioca que aguardou ansiosamente pelos dias de folia. Era o carnaval da vitória sobre a morte, que o povo iria aproveitar de todas as maneiras possíveis e impossíveis para brincar. Nelson Rodrigues, através de suas tradicionais tramas folhetinescas, relata em ‘A Menina sem Estrela: Memórias (1993)’, que aquele carnaval seria um ponto de partida, um recomeço, após todos os problemas causados pela epidemia de gripe espanhola.

E ninguém percebeu que uma cidade morria, que o Rio machadiano estava entre os finados. Uma outra cidade ia nascer. Logo depois explodiu o Carnaval. E foi um desabamento de usos, costumes, valores, pudores. (RODRIGUES, p. 56, 1993).

Os foliões levaram isso ao pé da letra. O que se viu nos quatro dias de festa foi algo inimaginável até aquele momento. Não havia pudores, limites e regras. O carioca foi a desforra de todos os jeitos e em todos os lugares em que se festejava o carnaval. Nos teatros em geral, poltronas foram removidas dando lugar a grandes pistas para a realização de bailes e batalhas de confete, que contavam com a participação de diversas orquestras. Em clubes da alta sociedade, como o *High Life*, foram promovidos concursos de fantasias e bailes, ocorrendo em todos os quatro dias de folia e também nos clubes de bairros, com destaque para *Fluminense* e *América*, que inovaram com bailes infantis à tarde (COUTINHO, 2006). E pelas ruas da cidade, houve uma intensa participação dos foliões, que pulavam, cantavam e festejavam o carnaval,

principalmente em locais como a Praça Mauá e as Avenidas Rio Branco e Beira-Mar, onde ocorriam os desfiles dos Corsos, as batalhas de confete e os banhos de mar a fantasia nas praias. As agremiações fizeram uma grande farra nos bairros, com as apresentações de diversas instituições, entre eles o “Bloco do Eu Sozinho”, do lendário cronista Júlio Silva, um dos grandes nomes do jornalismo carnavalesco e o Cordão da Bola Preta, que fazia sua primeira exibição naquele ano de 1919, além de um grande carnaval que despontava: a folia na Praça Onze, onde a população mais humilde da cidade descia o morro para brincar entre blocos e ranchos. E por fim, as grandes sociedades: Fenianos, Tenentes e Democráticos, que saíram à avenida no último dia de festa, na “Terça-Feira Gorda”, com suntuosos préstitos, portando alegorias e fantasias de muito bom gosto visual, assinadas por artistas renomados como por exemplo Di Cavalcanti, além de cantarem maxixes citando a grande guerra e ironizando a “Espanhola”, sendo acompanhados por foliões em corsos ou a pé, fechando com chave de ouro um dos grandes momentos da história do carnaval carioca. Vale ressaltar que o receio das autoridades sobre um possível retorno do vírus, devido aos festejos carnavalescos, não se confirmou, já que não houve um registro sequer da doença, mas sim um caso curioso: os cabelos daqueles que se curaram da gripe, simplesmente caíram de uma hora para outra, algo que virou galhofa em marchinhas e maxixes nos blocos e ranchos, como qualquer outro assunto que fosse ligado à doença.

Os dois jornais, Gazeta e Correio, que desde o início do ano falavam do evento, prometiam uma ampla cobertura, seguindo a mesma linha editorial vista no período pré-carnavalesco, com muita irreverência, mas também cedendo espaço para a prestação de serviço. Cumpriu-se à risca esta promessa. O Correio, durante o reinado de Momo, manteve uma postura mais informativa, noticiando questões de maior interesse público como o funcionamento dos trens na Central do Brasil e o patrulhamento do Exército nos dias de festa. Mas, claro, também teve um bom espaço para relatar os acontecimentos momescos. O jornal seguiu com sua coluna especializada “Carnaval”, divulgando informações dos préstitos e blocos, além de fazer análises e comentários da folia. Havia também a coluna “Pingos e Respingos”, que contou com alguns textos ligados ao carnaval, intituladas “Reino de Momo” e “Diccionario Carnavalesco”, em formato de crônica. Já a Gazeta não escondia a euforia pelos festejos, era algo explícito ressaltando a importância que o diário tinha

perante ao carnaval, onde a mesma afirmava ser a “boa sementeira” da folia de Momo, por conta de seu pioneirismo na cobertura carnavalesca. Além da sua tradicional coluna “O Carnaval Que Chega”, o jornal noticiava também sobre o seu concurso, que era referência entre blocos e foliões nos festejos de momo. Durante os quatro dias de folia, eram páginas inteiras falando sobre a festa, destacando os grandes desfiles de blocos, ranchos, sociedades, além dos corsos e batalhas, com fotos, ilustrações, manchetes e títulos chamativos como “Momo Domina o Rio”, “No Reinado da Loucura” e “O Delírio Carnavalesco”, por exemplo.

Ao final do carnaval, os periódicos noticiaram questões que eram muito recorrentes após os festejos, como de pessoas perdidas em ruas e avenidas, sendo na maioria dos casos, crianças e idosos que se desconstruíram de parentes no meio dos blocos. Para fechar a grande cobertura carnavalesca em 1919, nos últimos dias da semana, pós Quarta-feira de cinzas, Correio e Gazeta criaram colunas como “Os Últimos Ecos do Carnaval” e “O Carnaval Que Passou...”, para darem as impressões finais sobre o evento. Em ambos os diários, ficou constatado que aquele havia sido o maior carnaval da história do Rio de Janeiro. E de certa forma os periódicos tinham razão, pois até aquele momento não havia acontecido tamanho êxtase num reinado de Momo. As pessoas aproveitaram aquele carnaval como se fosse o último de suas vidas, “vingando-se” da morte e do luto visto no final de 1918. O carioca ainda intitula aquele Carnaval de 1919 como o maior da história da cidade. Literalmente, “Não houve tristeza que pudesse suportar tanta alegria” (Trecho da Canção de baile do pré-carnaval dos Democráticos, Autor Desconhecido, 1919).

ANÁLISE DA COBERTURA DOS JORNAIS

Ao todo, foram analisadas através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, 131 edições dos jornais, sendo 65 do Correio da Manhã e 66 da Gazeta De Notícias, de 01/01/1919 à 08/03/1919, além de informações adicionais por meio de livros e teses para o estudo da cobertura. Nos gráficos a seguir, foram levados em conta para a análise, critérios como: o número de aparições de Colunas/Crônicas, Notícias/Notas e Anúncios ligados aos festejos nas páginas destas edições, a fim de exemplificar melhor os dados obtidos, destacando também alguns pontos em comum entre os periódicos para responder se ambos tiveram influência no sucesso da folia.

A. ANÁLISE: CORREIO DA MANHÃ

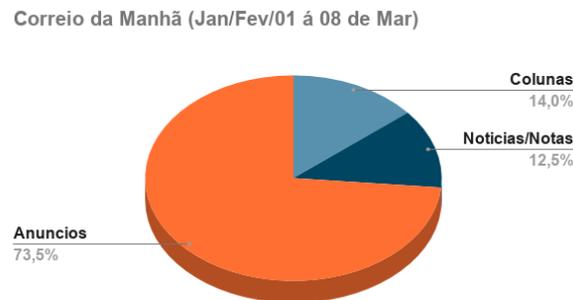


Gráfico I - Análise do Correio da Manhã

O Correio manteve uma postura um pouco menos irreverente durante o período pré-carnavalesco e nos quatro dias de folia, mas sem deixar de noticiar a loucura que tomava conta da cidade. Através da informação disponibilizada no gráfico acima, nota-se que o jornal, focou mais na questão comercial da festa, sendo que 73,5% dos conteúdos ligados ao carnaval, sendo anúncios dos mais variados tipos. Levando em consideração o fator do Correio começar a veicular a coluna “Carnaval” tardiamente, apenas na terceira semana de janeiro, é bem compreensível afirmar, que as propagandas de artigos carnavalescos se destacaram mais no periódico. Inegavelmente, o jornal teve grande influência naquele carnaval, já que por conta da “Espanhola”, o comércio necessitava se reerguer. O espaço cedido nas páginas do Correio, acabou por ser um dos pontos cruciais para o sucesso de vendas de adereços para festa, como a outras áreas da indústria. Há dois pontos a se destacar: o primeiro é sempre haver uma crônica logo no início das colunas, assinadas regularmente pelo jornalista Bastos Tigre, conhecido como “Pierrot”, um grande influenciador e incentivador do carnaval. Já o segundo ponto, é que o noticiário cotidiano do jornal no período momesco e a prestação de serviço sobre questões como transporte e a segurança foi um diferencial perante a cobertura da Gazeta.

B. ANÁLISE: GAZETA DE NOTÍCIAS

Gazeta de Notícias (Jan/Fev/01 á 08 de Mar)

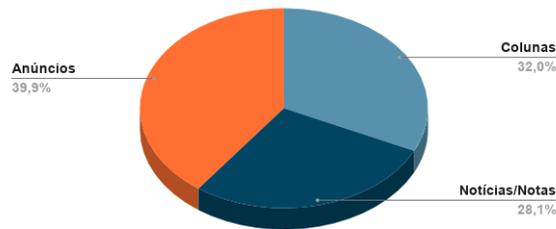


Gráfico II - Análise da Gazeta de Notícias

Assim como no Correio, a Gazeta também cedeu um bom espaço para anunciantes da folia, mesmo sendo um número inferior ao do concorrente. Mas, há um contraponto: existiam mais destaque em relação a colunas e notícias carnavalescas nas folhas da Gazeta, onde somadas, chegavam a 60,1% de aparições nas edições durante período. Algo já esperado, pois o jornal possuía uma identificação muito grande com a folia e fazia questão de ressaltar este fator em sua cobertura, sendo pioneira em alguns fatores, como por exemplo, cedendo por vezes páginas inteiras para falar sobre o carnaval, além de criar concursos para atrair os leitores, resultando em um jornal muito popular entre os foliões naquela época.

Cabe destacar também a grande influência do cronista carnavalesco nos dois jornais, onde através de seus textos, o jornalista fazia o intermédio entre as instituições, autoridades e os próprios periódicos, tendo muito espaço nas colunas por meio de suas crônicas, uma referência do jornalismo carnavalesco no final do século XIX, início do XX. Vale destacar que existia um certo sensacionalismo na atuação desses jornalistas em suas crônicas recheadas de elogios e exaltações ao Carnaval e seus clubes, onde os textos buscavam uma forma de falar com o público, se utilizando do tal “linguajar dos foliões”, com o uso de trocadilhos, gírias e expressões populares, etc. (COUTINHO, 2006) ou até na própria linha editorial. Um bom exemplo é a Gazeta, que por ser reconhecida como “amiga” da folia, abusava de textos exagerados, algo muito benquisto pelos leitores, por ser um jornal muito popular e liberal. Apesar de seguir essa mais linha apelativa e mercadológica perante a folia, é inegável que tanto Gazeta, como Correio, disseminaram algo ricamente cultural em suas edições, visto a importância que o carnaval tem no Rio, onde aquele folião ao ver seu bloco ou clube retratado nos jornais, sentia-se incluso graças a essa mediação. Quem define bem essa relação “jornal-leitor” é Márcia Franz Amaral, em ‘Jornalismo Popular (2006)’.

Assim, a notícia não é só uma mercadoria, e embora todos os jornais sejam sensacionalistas em alguma medida, não se pode subestimar os demais papéis do jornalismo - como o de produtor de conhecimento e construtor da realidade pública [...] os jornais preocupam-se com que o leitor tenha um sentimento de pertencer a determinada comunidade, percebendo que o jornal faz parte do seu mundo. (AMARAL, p. 25-26, 2006).

Com o povo se sentindo parte importante dos jornais, era mais fácil atrair as atenções dos leitores com uma cobertura que servisse de voz aos foliões, fazendo-os se identificar com os periódicos ao divulgarem informações sobre o carnaval.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo analisar a atuação de dois jornais, a Gazeta de Notícias e o Correio da Manhã na cobertura do Carnaval de 1919, o primeiro grande evento na cidade do Rio de Janeiro após a epidemia de gripe espanhola. O estudo se torna relevante ao ressaltar a valorização existente nos periódicos em relação ao carnaval, no início do séc. XX, servindo para mostrar a importante atuação da imprensa escrita em relação à cultura popular, tornando-se um objeto de resgate histórico.

Perante as análises realizadas através das edições dos diários, de livros e teses, buscando respostas ao questionamento deste artigo, se os veículos influenciaram nos festejos momescos de 1919, é possível afirmar que os dois jornais colaboraram positivamente no sucesso daquele carnaval através de sua cobertura fervorosa, se valendo de três fatores: A força publicitária, graças à ampla divulgação de anúncios ligados a folia, a popularidade dos jornais, que se identificavam e apoiavam os festejos e a influência dos cronistas, que serviam como intermediários da imprensa com o povo. Esses pontos foram cruciais para a divulgação e realização daquele carnaval, tendo um papel histórico no que se fala de cobertura carnavalesca em jornais cariocas.

Graças a esses aspectos, foi possível de maneira simples e coesa, responder o seguinte objetivo traçado inicialmente neste artigo, se “Os jornais podem ter influenciado nos festejos por conta da cobertura efusiva”. Em suma, a resposta condiz sim, com a hipótese cogitada, indo até um pouco mais além, pois se confirma como esperado, a ampla e fervorosa participação dos dois jornais, mas nota-se também o grande engajamento de jornalistas para o sucesso do evento. Por meio das pesquisas realizadas para a execução deste trabalho, ficou evidente a importância do cronista

carnavalesco na participação dos periódicos no evento, os colocando como parceiros da folia por dialogarem com os foliões, através de textos irreverentes e muito sensacionalistas.

A partir dos resultados apresentados neste artigo, aponta-se como futuro objeto de estudos, uma maior exploração da figura do cronista carnavalesco no Brasil, aprofundando-se mais em relação ao seu papel social e cultural no cotidiano, visto que era uma "personalidade" admirada por leitores, além da importância dos mesmos para o jornalismo. Segue como sugestão também a realização de pesquisas ligadas às próprias crônicas carnavalescas, que apesar de ser um referencial dos jornais no final do séc. XIX, começo do XX por ser tão participativa no cotidiano do carioca, não tem a devida valorização nos dias de hoje. Ainda são poucas as teses ligadas ao tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

CASTRO, Ruy. **Metrópole à beira-mar: O Rio moderno dos anos 20**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

COUTINHO, Eduardo Granja. **Os cronistas de Momo: imprensa e Carnaval na Primeira República**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

RODRIGUES, Nelson. **A menina sem estrela: memórias**. 1º Reimpressão ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Disponível em: <https://portalconservador.com/livros/Nelson-Rodrigues-A-Menina-Sem-Estrela.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2021.

SANTOS, R. A. DOS.: **O Carnaval, a peste e a ‘espanhola’**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos (online), v. 13, n. 1, p. 129-58, jan.-mar. 2006. ISSN 1678-4758. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v13n1/08.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Memoria BN**. Correio da Manhã (RJ) - 1910 a 1919 - DocReader Web. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2013. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_02/13311. Acesso em: 13 mar. 2021.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Memoria BN**. Gazeta de Notícias (RJ) - 1900 a 1919 - DocReader Web. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2013. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/45429. Acesso em: 14 mar. 2021.

VALLEJOS, Giordanna Benkenstein. **“A Cobertura Sobre A Pandemia Da Covid-19 No Portal do Jornal O Estado de São Paulo Durante o Primeiro Semestre de 2020”**. In: Intercom. 43º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (Intercom 2020). Universidade Federal da Bahia (UFBA) - Salvador-BA - 1 a 10 de setembro de 2020. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-0145-1.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.